



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DENISE AKEMI NISHI

**OFICINA FOTOGRÁFICA PARA O ENSINO DA
SOCIOLOGIA:**
Análise antropológica do resultado fotográfico

Londrina

2013

DENISE AKEMI NISHI

**OFICINA FOTOGRÁFICA PARA O ENSINO DA SOCIOLOGIA:
Análise antropológica do resultado fotográfico**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Sociais da Universidade Estadual de
Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Celso Vianna
Bezerra de Menezes
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. César Augusto de Carvalho
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof^a Dr^a Carla Delgado de Souza
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, ____ de _____ de 2013.

NISHI, Denise Akemi. **Oficina fotográfica para o ensino da sociologia**: Análise antropológica do resultado fotográfico. 2013. p.90. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Londrina, 2013.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar antropológicamente as fotografias apresentadas como resultado das oficinas realizadas com turmas do ensino médio. Intituladas como “Oficina fotográfica para o ensino da sociologia”, elas foram realizadas com o objetivo de avaliar a apreensão dos estudantes sobre determinados conceitos da sociologia. Para oferecer um suporte para a produção fotográfica dos estudantes houve a apresentação de conceitos sobre técnicas de fotografia. A análise das fotografias possui um viés antropológico, o que se busca apreender sobre as fotografias é a maneira como trabalharam os conceitos da sociologia em uma linguagem visual.

Palavras-chave: Ensino da Sociologia; Antropologia e Imagem; Fotografia; Ensino Médio

NISHI, Denise Akemi. **Photographic workshop for the teaching of sociology: Anthropological analysis of the photographic result.** 2013. p.90. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais – Universidade Estadual de Londrina, 2013.

ABSTRACT

This work intends to analyze anthropologically the photographs presented as a result of workshops with high school classes. Titled as "photographic workshop for the teaching of sociology", they were conducted in order to assess the students' apprehension about certain concepts of sociology. To provide support for the photographs of students was the presentation of concepts about photography techniques. The analysis of the photographs has a bias anthropological, what is sought to apprehend on the photos is how the concepts of sociology worked in a visual language.

Keywords: Teaching of Sociology, Anthropology and Image; Photograph; High School

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA E O AMBIENTE ESCOLAR DA OFICINA	6
3. FUNDAMENTAÇÃO DA OFICINA.....	14
3.1. Antropologia e imagem.....	14
3.2. Os “conteúdos estruturantes” da sociologia	19
4. APLICAÇÃO DAS OFICINAS	24
4.1. Oficina de estágio.....	24
4.2. Análise das fotografias	25
4.3. Oficina no primeiro ano	35
4.3.1. Instituição Escolar	36
4.3.2. Instituição Familiar	44
4.3.3. Instituição Religiosa.....	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6. REFERÊNCIAS	60
7. ANEXOS	61

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo uma análise antropológica das fotografias produzidas por estudantes do ensino médio em oficinas intituladas “Oficina Fotográfica para o ensino da Sociologia”. Tais atividades foram realizadas no Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi (CEEP Castaldi) no ano de 2012 como parte do estágio curricular obrigatório.

As imagens fazem parte do cotidiano dos estudantes: as fotografias compartilhadas entre os pares, os filmes trabalhados por professores, as propagandas presentes em cartazes no próprio colégio, trabalhos de artes que são exibidos no pátio, fotografias presentes no livro didático, *outdoors*, estampas de roupas, etc. Decidiu-se trabalhar com imagens fotográficas com tais alunos devido a essa familiaridade.

A familiaridade não pressupõe que saibam utilizar os registros fotográficos de forma crítica, portanto, o trabalho com fotografias nas oficinas realizadas foi pensado como uma tentativa de inserir para os alunos outro “olhar” sobre a vida social. Em conjunto com a sociologia que, com o “olhar sociológico” busca essa desnaturalização das situações, o “olhar fotográfico” é a desmitificação da maneira como se observa o mundo. Tais olhares sobre a vida social devem ser “treinados” e a experiência de oficinas é uma tentativa de se iniciar tal treinamento.

Pensar a sociologia no ensino médio no presente trabalho é partir do pressuposto que a matéria tem como efeito a criação da consciência crítica dos estudantes. A teoria sociológica é apresentada para os levarem a refletir sobre a sociedade, fazer ligações com a vida pessoal e entender seu “papel” na coletividade.

2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA E O AMBIENTE ESCOLAR DA OFICINA

A implementação da Sociologia no ensino médio se deu através do Parecer CNE/CEB nº 3/98, Lei nº 11.684 de 2008 que altera o Art.36 da Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio. Em 2009 O CNE

regulamenta a implantação da Filosofia e Sociologia nas três séries do Ensino Médio pela Resolução nº 1, de 15 de maio de 2009.

Para se pensar a conjuntura do início da obrigatoriedade da disciplina no Ensino Médio, é preciso traçar um histórico sobre a maneira como a Sociologia foi e é tratada no contexto escolar de diferentes épocas. Segundo Silva (2007), é possível se identificar quatro “modelos” de currículos: currículo clássico-científico, currículo tecnicista (regionalizado), currículo das competências (regionalizado) e o currículo científico. Para cada currículo há uma percepção do “papel” da sociologia, como observado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Modelos curriculares, tipos de escolas, de ensino médio, sociologia.

Modelos Tipos	Currículo Clássico- científico	Currículo regionalizado Tecnicista	Currículo regionalizado Competências	Currículo Científico
Escola	Liberal Republicana Dual	Liberal Autoritária Profissionalização obrigatória	Neoliberal, Pluralista Flexível Fragmentada Diversificada	Liberal republicana ou Escola unitária (socialista)
Ensino médio	Livresco Elitista Dual	Tecnicista Desvaloriza as disciplinas tradicionais Formação para o imediatos	Generalista Desvaloriza as disciplinas tradicionais Formação para o imediatos Empregabilidade Adaptabilidade	Formação integrada Valoriza as disciplinas, as ciências Transcende o imediatos
Sociologia	Curso normal; Aspirantes ao ensino superior	Não há espaço É transformada em estudos sociais, moral e cívica, OSPB	Temas transversais Conteúdos variados Em outras disciplinas ou módulos	Disciplina científica

Fonte: Silva (2007)

De acordo com a autora, no início da década de 1970 o modelo era o Clássico-Científico, baseado em uma escola que diferenciava os ensinos, científica para a elite e formadora de mão de obra para a classe trabalhadora. O ensino era “conteudista”, ou seja, dividido em disciplinas e foi como tal que a Sociologia foi incluída.

Nos governos militares há uma reformulação e um rompimento com a cientificidade das matérias, elas são agrupadas em “áreas de aplicabilidade”. A Sociologia, juntamente com a Filosofia se transformam em uma matéria chamada “Educação Moral e Cívica”, o que enfraquece a força reflexiva das matérias, é o chamado currículo tecnicista.

A partir de 1988 se inicia uma série de reformas curriculares em paralelo à busca de uma democratização do país. Surgem propostas mais próximas dos currículos científicos, com o resgate das disciplinas tradicionais. Porém, a LDB de 1996, que menciona a necessidade do aluno chegar ao fim do Ensino Médio possuindo conhecimentos sobre Sociologia e Filosofia, repercutiu nas formulações das diretrizes e parâmetros curriculares dos anos seguintes. As mudanças se voltam para a busca de um currículo baseado em competências.

Em 2004, com as “Orientações Curriculares do Ensino Médio”, o Ministério da Educação traz novas preocupações em relação ao ensino de Sociologia, trazendo novos debates. Há uma preocupação com a consolidação da Sociologia enquanto disciplina e uma tentativa do resgate do currículo científico que aparecia nos anos 1980.

Nas próprias diretrizes curriculares do Estado do Paraná pode se encontrar a problematização sobre a implementação dessa matéria nos currículos do Ensino Médio.

A Sociologia não desenvolveu ainda uma tradição pedagógica, havendo insuficiências na elaboração de reflexões sobre como ensinar as teorias e os conceitos sociológicos, bem como dificuldades na delimitação dos conteúdos pertinentes ao Ensino Médio. Por ter se mantido como disciplina acadêmica nos currículos de Ensino Superior, a tendência tem sido a reprodução desses métodos, sem a adequação necessária à oferta da Sociologia para os estudantes do Ensino Médio. (Paraná, 2008, p. 53)

Essa falta de “consistência” da Sociologia enquanto disciplina no Ensino Médio acaba refletindo no fazer docente. Há nas Diretrizes, sugestões didático-pedagógicas baseadas em conteúdos básicos e estruturantes que devem ser pensados em conjunto. Propõe-se:

Aulas expositivas dialogadas; aulas em visitas guiadas a instituições e museus, quando possível; Exercícios escritos e oralmente apresentados e discutidos; Leituras de textos: clássico-teóricos, teórico-contemporâneos, temáticos, didáticos, literários, jornalísticos; Debates e seminários de temas relevantes fundamentados em leituras e pesquisa: pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica; Análises críticas: de filmes, documentários, músicas, propagandas de TV; análise crítica de imagens (fotografias, charges, tiras, publicidade), entre outros. (Paraná, 2008, p.95)

Percebe-se a necessidade de criar novas metodologias adaptadas para o ensino médio e que sejam mais próximas da realidade dos estudantes. Também é necessário se pensar na cientificidade da matéria, não a diminuindo a algo genérico como a “educação moral e cívica”. Os desafios são grandes, então como uma tentativa de entender a relação dos alunos com a matéria e o uso de um método novo, se propõe uma análise antropológica das

fotografias produzidas em oficinas¹ intituladas “Oficina de fotografia para o ensino da sociologia no ensino médio”.

As turmas nas quais as atividades aconteceram estão lotadas no Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi (CEEP Castaldi), no bairro Jardim Jamaica, localizado na periferia da cidade de Londrina. O colégio oferta a modalidade de Ensino Médio e de Educação Profissional com os Cursos Técnicos na modalidade de nível Médio Integrado e de nível Médio Subsequente, funcionando em três turnos. Atualmente a instituição conta com 18 salas de aula e atende um total de 1259 alunos².

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição apresenta uma análise e descrição da realidade que tem como objetivo “(...) permear o trabalho de construção do Projeto Político Pedagógico, visto que as ações a serem realizadas atendam as expectativas dessa comunidade escolar.” (CEEP Castaldi, 2011, p.18). O PPP considera a sociedade contemporânea como parte do neoliberalismo e do capitalismo vigente. Tais características afetam o sistema educacional, formam cidadãos sem preparo crítico, pois a sociedade leva a uma visão tecnicista, competitiva e alienada de mundo. Portanto, é necessário problematizar e refletir sobre o modelo de indivíduo que se busca e como as ideologias capitalistas influenciam na formação das instituições escolares.

De acordo com o PPP, a instituição apresenta as contradições presentes na sociedade por se encontrar inserida dentro do sistema capitalista. Se, por um lado, atende às demandas das classes dominantes, também contribui na luta contra a discriminação de classes e desigualdade social e pela criação de identidades culturais. Para a construção de uma escola engajada nessas lutas, se assinala uma prática pedagógica fundada na Pedagogia Histórico-Crítica, que pode auxiliar na formação de educandos críticos e participativos.

O estudioso Demerval Saviani é apontado como o autor guia sobre a Pedagogia Histórico-Crítica. A educação pertence, de acordo com tal pedagogia, ao campo do trabalho intelectual, ou seja, está ligado a conceitos, ideias, alegorias, costumes, modos de ser, capacidades, etc. A principal finalidade da educação é a socialização do saber produzido no decorrer da história, que visa à formação de um cidadão crítico diante de sua realidade.

Devido este CEEP visar à formação básica e profissional é importante ampliarmos a formação educacional de nossos alunos para que eles tenham

¹ Oficinas ministradas no ano de 2012 como atividade curricular na matéria “Estágio supervisionado III”

² Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico

conhecimento de sua realidade, de todo processo histórico cultural em que foi construído e no qual está inserido e assim não apenas aceitar o que lhe for imposto quando concluir sua formação e entrar no mundo do trabalho, mas sim que reflita sobre sua realidade e assim possa interferir nela tendo consciência de que também é um ser histórico e tem possibilidade de modificá-la. (CEEP Castaldi, 2011, p.46)

Tal pedagogia tem como pressuposto que o meio de construção social qualifique o indivíduo e o eduque tanto em bases científicas como em bases ético-políticas. Os educandos necessitam do comprometimento de uma escola pública de qualidade que busque construir um processo participativo e democrático, que agrupe experiências que permitam elaborar conhecimentos e possibilidades, oferecendo a oportunidade de circulação nas várias camadas da sociedade.

No PPP há a caracterização dos alunos. Nele são apresentadas características dos estudantes de acordo com o turno frequentado. Os estudantes do período diurno são retratados como filhos de trabalhadores, com uma formação heterogênea. Em alguns se observa a falta de “modelos” a serem seguidos e uma carência no processo de socialização. Enquanto outros têm uma “formação familiar sólida” e um projeto de vida que os levam à inserção no mercado de trabalho. Tais particularidades são perceptíveis na maneira com que lidam com o ensino. Há aqueles que querem o “conhecimento pronto”, que não se esforçam muito e há o grupo de estudantes dedicados, que buscam um maior aprofundamento e que compreendem a importância do estudo.

Os professores são apresentados como agentes do processo de ensino que buscam fazer com que a formação do corpo discente vá além do conhecimento científico, para que haja o desenvolvimento da cidadania plena dentro e fora do ambiente escolar. Os educadores aspiram por mudanças no processo educacional, porém, muitas vezes, se veem presos em processos burocráticos que o colocam como simples “repassadores de conteúdos”. A proposta é que, para superar alguns desses incômodos, os professores devam utilizar recursos audiovisuais, materiais de apoio, jogos didáticos, ou seja, planejar novas estratégias de atuação.

Há também os agentes educacionais, profissionais que atuam no refeitório, nos corredores, na biblioteca, nos laboratórios, entre outros espaços, que também colaboram para a formação ética e responsável do corpo discente. São os populares “tios e tias da cantina”, “tios e tias da limpeza”, “tios e tias da portaria”, que possuem uma relação direta com os alunos.

Em pesquisa realizada pelo colégio no ano de 2011 buscou-se traçar o perfil da comunidade escolar. O questionário foi aplicado em um total de 355 alunos iniciantes de todos os turnos e modalidades de ensino da instituição. Dentre eles, quase metade declarou que se considera branco representando quarenta e nove por cento dos estudantes, trinta e quatro por cento se considera pardo, doze por cento negro, quatro por cento amarelo e um por cento indígena.

Sobre o local de residência se constatou que a maioria mora em bairros próximos ao colégio corroborando com a informação de que a forma de locomoção mais frequente é a pé. Mais de oitenta por cento desses alunos mora em casa própria com pai, mãe e irmãos. A maioria das famílias é composta entre três e cinco pessoas e com despesas mantidas financeiramente pelo pai e pela mãe.

Em relação à renda familiar, aproximadamente a metade dos alunos alegou possuir uma renda no valor entre um e três salários mínimos. Uma pequena parcela afirmou receber mesada, em geral no valor menor que cem reais. Há trinta e cinco por cento dos estudantes que declararam possuir uma profissão remunerada e dentre os que possuem emprego, mais da metade recebe um salário mínimo ou menos.

O grau de escolaridade dos pais é diverso, há pais e mães analfabetos e pais e mães que concluíram o doutorado. Porém o grau de escolaridade mais corriqueiro foi o de ensino fundamental para ambos e ensino médio completo para as mães. Em relação à própria formação, trinta e três por cento dos estudantes declarou fazer algum curso complementar como informática ou línguas.

Quase todos seguem a mesma religião que a família, apenas catorze por cento afirmam o contrário. A grande maioria dos alunos possui alguma religião, dentre as mais praticadas estão as religiões católica e evangélica, cinquenta e cinco por cento da primeira, seguida de quase quarenta por cento da segunda. No que diz respeito às tecnologias de informação, a maioria assiste televisão e tem acesso à internet, sendo apenas sete por cento que não acompanham o que se mostra através do aparelho televisor e doze por cento que não fazem uso da rede mundial de computadores.

As informações apresentadas, retiradas do Projeto Político Pedagógico, são pertinentes para que se entenda a inserção dessa instituição dentro da sociedade, os objetivos que apresenta enquanto estabelecimento de ensino e como são caracterizados os corpos docente e

discente. Os dados serão discutidos em seguida a partir de uma descrição baseada em observações no colégio, dentro da sala de aula e na participação de atividades extraclasse promovidas pela instituição.

Primeiramente, é importante expor que o colégio não é percebido pelos alunos como localizado na periferia da cidade³. O entendimento de tal palavra contém um teor pejorativo. Periferia é entendida como sinônimo de favela, violência e bairro “ruim” de se morar. Houve uma situação em que a professora de sociologia utilizou o termo “bairro periférico” e causou grande inquietação na sala, os estudantes citavam bairros próximos como sendo periferia, mas não o bairro em que se encontra o colégio. Para eles, estudar em um local com tal designação contém uma carga negativa e os afasta do *status* de se viver no centro da cidade.

Parece haver uma tentativa de enobrecer o local em que estudam, de separar dos lugares que consideram ruins. Há uma contraposição com outro colégio próximo, o Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros, que se localiza em um bairro vizinho e é visto como um colégio de periferia. Os estudantes desse outro colégio são caracterizados como menos disciplinados, que “dão mais trabalho” e que possuem desempenho escolar inferior. O fato do Colégio Castaldi se localizar em uma das principais avenidas do bairro parece reforçar esse sentimento de importância da instituição.

Os turnos observados foram o da manhã e o da tarde. Há um maior número de turmas no turno matutino e, em geral, com salas mais numerosas. No período vespertino há menos turmas e um número reduzido de alunos, chegando a existir turmas com doze estudantes. Essa diferença quantitativa de alunos exerce uma influência sobre o rendimento das turmas, nas falas de professores que atuam nos dois turnos há um consenso em dizer que as turmas da tarde são mais “fáceis de lidar”. É presumível que o número reduzido de alunos em cada sala favoreça o trabalho docente

A observação do intervalo é o momento no qual é possível perceber algumas relações criadas entre os alunos. A disposição de cada grupo no pátio e a atividade exercida no tempo que dispõem. Há a turma de “esportistas” que ficam jogando tênis de mesa no pátio interno. Existem também os que vão comer a merenda e ficam sentados na mesa do refeitório conversando. Outro tipo identificável são os grupos que caminham, percorrem todos os corredores, não param em um lugar. Em ambos os turnos podemos perceber essa

³ No PPP utiliza-se o termo periferia para se pensar a localização geográfica do colégio.

movimentação sendo maior no período da manhã, onde há uma maior agitação devido ao número superior de estudantes.

Durante esse período de toda sexta feira há uma atividade religiosa coordenada por estudantes, é o chamado “Projeto valorizando vidas” ou “15 minutos com Jesus”. Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola o projeto surgiu como iniciativa de uma orientadora educacional com o apoio de jovens seminaristas. A proposta é que esses encontros promovam reflexões sobre o cristianismo, integração entre estudantes de diversas religiões e incentivar o respeito ao próximo, a solidariedade e o companheirismo.

A presença de uma atividade como essa mostra a forte presença de alunos religiosos no colégio. Na gincana cultural há uma prova de “talento” e nas duas observadas houve apresentações de músicas e teatros relacionados à temática com grande adesão dos demais estudantes. Não se busca afirmar com isso que a escola possua uma postura religiosa na maneira de lidar com os estudantes, porém, pela forte presença de estudantes religiosos há diversas manifestações relacionadas à temática.

No intervalo é possível notar também a relação com os agentes educacionais. Há aqueles que possuem maior afinidade com os estudantes e conversam, interagem bastante. Os responsáveis pela portaria, em geral, se mostram mais firmes e sérios, pois possuem o controle sobre a saída e entrada de alunos. No horário de entrada, verificam se estão devidamente uniformizados ou não, os alertam sobre o fato de estarem atrasados ou de não poderem mais ingressar nas salas, devendo aguardar o próximo sinal.

Pode-se afirmar que no dia a dia há um distanciamento geral. Porém, quando há situações como a gincana cultural, em que as equipes são formadas por alunos, professores e funcionários, os alunos tendem a recepcionar muito bem os agentes educacionais, em um sentimento de união, com um espírito de equipe aflorado.

A gincana cultural é um evento que envolve todas as pessoas do colégio. Há uma divisão por equipes, identificadas por cores, a maioria opta por confeccionar um “uniforme” da equipe com a cor designada, um nome e, geralmente, algum desenho que remeta à temática da gincana. A capacidade de organização em tais eventos é admirável. É notável a mudança de comportamento de alguns alunos, de acordo com o contexto. Um rapaz que “dava trabalho” para a professora durante as aulas assumiu papel de liderança quando aconteceu a gincana.

Nessas situações o papel do aluno perante os professores é modificado, eles devem atender a demandas diferentes do cotidiano, precisam assumir papéis de liderança para auxiliar na decisão coletiva sobre as provas a serem realizadas. A autonomia dos estudantes é desafiada, há situações em que os professores não interferem. O sucesso da equipe depende do desenvolvimento de trabalho em equipe e da cooperação geral, situação que os coloca ao mesmo tempo em um espírito de competitividade e de união.

Outro evento extra cotidiano é a Jornada de Humanidades que consiste na apresentação de palestras e oficinas por professores do colégio, professores convidados de universidades, profissionais do mercado de trabalho e por alunos da instituição. As jornadas acontecem todos os anos no colégio e têm o objetivo de levar os educandos a refletirem sobre a realidade. Baseado nos conhecimentos das disciplinas de sociologia e filosofia perpassando por todas as ciências, a cada ano uma temática é eleita para nortear as atividades do evento.

Ao participarem como palestrantes, os alunos mudam a postura perante professores e demais colegas. Há a criação de um senso de responsabilidade quando se dispõem a oferecer uma palestra. Normalmente o acesso de alunos à sala de professores é vetado. Mas nos dias de jornada, aqueles que serão palestrantes têm livre acesso. No cotidiano, a constituição física do colégio leva a uma separação de espaços para cada indivíduo. Os alunos podem transitar livremente somente por determinados espaços, o impedimento sobre outros cria uma curiosidade, um desejo de se saber como é aquilo que lhes é vetado. Parece haver o desejo de possuir o mesmo “poder” que o corpo docente como a autoridade exercida perante uma sala de aula, o acesso a todos os lugares do colégio e a possibilidade de manusear o controle da *TV pendrive*.

3. FUNDAMENTAÇÃO DA OFICINA

3.1. Antropologia e imagem

Apesar de proibidos dentro de sala de aula, a presença de celulares é inevitável. Porém é possível observar seu uso como auxiliar em sala de aula, com o acesso fácil a internet, alguns estudantes pesquisam pelo assunto tratado pelo docente ou mesmo utilizam para tirar dúvida de alguma palavra que não conhecem ou não entenderam. Há os que colocam fones de ouvido para ouvir músicas quando vão fazer alguma atividade escrita o que não é necessariamente algo ruim, pois se concentram no que estão fazendo e evitam conversas e movimentação que poderiam prejudicar algum colega. As máquinas fotográficas são

percebidas nas gincanas e jornadas, portanto há a inserção da tecnologia no ambiente escolar pelos alunos.

A inserção da *TV pendrive* ou o *datashow* parte do pressuposto de melhorar a interação entre professor e estudante. Porém, a lógica de uso dessas novas tecnologias ainda se mantém em parâmetros passados, sendo utilizados de maneira semelhante ao quadro de giz. É preciso se pensar em novos recursos didáticos para a adaptação ao uso de tais equipamentos.

A nossa sociedade é imagética, os estímulos visuais estão por toda a parte. Propagandas, jornais, revistas, televisão, cinema, fotografias. Há uma relação muito próxima com a imagem, há uma “cultura imagética” posta na nossa sociedade. A partir de tais constatações, Cristina Costa (2005) traça uma análise sobre as possibilidades de como se utilizar imagens no processo de ensino. Seguindo essa lógica, podemos pensar a questão do ensino atualmente e da maneira como ele se adaptou, ou não, a esse tipo de sociedade.

A autora expõe que a visão, biologicamente falando, ocorre através de um órgão do corpo humano, mas dentro de uma sociedade há fatores externos que levam à criação de subjetividades no olhar. “(...) o olhar é a nossa primeira forma de intervenção na realidade, é fazer um recorte na realidade, é selecionar e transformar um objeto em foco de atenção.” (COSTA, 2005, p.39). Portanto, o ato de se observar uma imagem não está isento de valores, de julgamentos, de preconceitos e pré-noções.

“Finalmente participamos de uma revolução da visão, se é verdade que ela não é apenas a materialização de um dos órgãos sensoriais, mas, antes de mais nada, uma construção histórica e cultural.” (SAMAIN, 1998, p.51). O autor se refere às “revoluções tecnológicas” que vem acontecendo nos últimos anos em nossa sociedade e de como a nossa visão deve se adequar a ela, os usos que se fazem da imagem, em geral, está passando por mudanças.

De acordo com Cristina Costa, é nesse contexto de mudança que a educação necessita incorporar a visualidade e as novas linguagens proporcionadas pela tecnologia, pois é preciso superar a dicotomia entre dois “mundos”, um baseado na escrita, burguês e eurocêntrico e um novo, global, com novos pressupostos de linguagem, entre eles a audiovisual. (COSTA, 2005). A autora discorre sobre as preocupações presentes em diversos escritos sobre a educação, especificamente no que diz respeito a uma formação de alunos que saibam lidar

com desafios postos pela sociedade contemporânea e da importância de se valorizar a “bagagem cultural” desse indivíduo.

A produção de imagens fotográficas como material didático para o ensino da sociologia pode ser uma ferramenta para que se crie um novo olhar dos estudantes sobre a matéria. Em acordo com Novaes (2008), Costa aponta a capacidade de a imagem gerar emoções e sentimentos, e essa subjetividade geradora de afetividades pode auxiliar na melhor compreensão dos conceitos sociológicos trabalhados. Ao produzir uma fotografia, o estudante pode estabelecer ligações entre a vida pessoal e o aprendizado no ambiente escolar, possivelmente criando relações entre os dois “mundos” e conectando os saberes.

Para se pensar a fotografia, há o embasamento nos escritos de Sontag, Andrade e Novaes. É preciso demonstrar qual definição de fotografia se pensa, pois há inúmeros estudos que a classificam de formas diversas. Entender a particularidade da fotografia que é tomada para o trabalho é importante para sua delimitação no momento das análises.

Segundo Sontag o surgimento da fotografia muda a forma de se olhar o mundo, as imagens são as primeiras impressões criadas por uma pessoa sobre o que acontece ao seu redor. “Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam as nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver.” (SONTAG, 2004 p.13).

De acordo com a autora, a principal diferença entre as pinturas e as primeiras fotografias se dá no âmbito de valor atribuído a cada uma. A fotografia surge como uma espécie de miniaturização do mundo, uma extração da realidade, enquanto a pintura é sempre vista como uma interpretação dos fatos. Além disso, a fotografia surge com a possibilidade de ser uma ferramenta para se retratar todos os temas, diferentemente da pintura. Essa diferenciação é significativa para se entender os possíveis usos da imagem fotográfica.

Para Andrade (2002) a fotografia, pela sua essência técnica, é alvo de críticas, mas também é reconhecida como fundamental para uma mudança de paradigma sobre a noção de realidade e sobre a apreciação da natureza. A reprodução da imagem fotográfica interfere no modo de se pensar as artes plásticas, que era baseada em uma obsessão pela semelhança.

Em pleno romantismo e em meio a grandes transformações sociais e econômicas, a fotografia já nasce instigante, provocando reações contrárias a artistas e intelectuais. Uma mudança acentuada na sociedade começa a acontecer. Há uma busca compulsiva por fazer-se retratar nos estúdios

fotográficos e poder admirar a sua própria imagem, ocasionando uma democratização do retrato, bem mais baratos que as pinturas à óleo, até então um privilégio da aristocracia e da burguesia. Nesse entremeio, alguns pintores medíocres transformam-se em fotógrafos retratistas e enriquecem como o novo modismo narcísico. Essa é uma das principais razões da fotografia sofrer discriminação: o fato de industrializar e comercializar a arte. (ANDRADE, 2002, p.34)

Ainda sobre o aspecto técnico da fotografia, Sontag afirma que isso colabora para que ela seja entendida como uma prova em relação a um evento, a possibilidade de obter um retrato da situação comprova sua veracidade. A câmera fotográfica captura, congela um fragmento do tempo e a fotografia reproduz fielmente a realidade, as imagens fotográficas fornecem testemunhos sobre acontecimentos, justificam e podem ser utilizadas para incriminar.

Porém, a ideia de fotografia como uma cópia fiel da realidade durou pouco, logo se percebeu que ao fotografar, cada pessoa lançava seu olhar sobre o tema.

Mas, como as pessoas logo descobriram, ninguém tira a mesma foto da mesma coisa, a suposição de que a câmera propiciam uma imagem impessoal, objetiva, rendeu-se ao fato de que as fotos são indícios não só do que existe mas daquilo que um indivíduo vê; não apenas um registro mas uma avaliação do mundo. Tornou-se claro que não existia apenas uma atividade simples e unitária denominada “ver” (registrada e auxiliada pelas câmeras), mas uma “visão fotográfica”, que era tanto um modo novo de as pessoas verem como uma nova atividade para elas desempenharem (SONTAG, 2004, p.105).

Caberia, então, às pessoas que fotografavam buscar ver a beleza além dos grandes monumentos e paisagens, era dever criar beleza naquilo que as outras pessoas desdenhavam. Houve uma reinvenção do cotidiano através de ensaios que mostravam aquilo que o olho humano não consegue ver, tiravam as coisas de contexto, se aproximavam de maneira muito intimista, criou-se um ideal de beleza através da estética fotográfica.

De acordo com a estudiosa, atualmente a fotografia se tornou um passatempo mantendo o uso mais popular e antigo da fotografia que é o de registrar grandes eventos da vida cotidiana. No turismo, por exemplo, o próprio ato de fotografar produz sentido à viagem, é preciso registrar para provar a ida ao local. E esse registro é para se capturar a permanência das coisas, retratá-las para a criação de um “mundo-imagem” imortal que sobrevive à vida das pessoas e onde se busca a construção de uma “crônica visual” de si mesma.

A lógica de produção de imagens e consumo obedece à própria lógica do capitalismo – lógica de consumo. Quanto mais se produz, mais se consome e maior a necessidade de produção. Ao saber o que se passa no mundo por meio das imagens fotográficas, há uma

sensação de frustração quando se presencia um evento, pois a sensação que o recorte da fotografia provoca não é o mesmo do presencial. O dramático é mais dramatizado através das montagens de fotografias. A fotografia tem seu uso muito contraditório e complementar, ao mesmo tempo em que aproxima o exótico, afasta o familiar. O seu uso pode alienar ou aproximar as pessoas de sua própria vida e a dos outros. (SONTAG, 2004)

Dentre os vários usos possíveis da fotografia, destaco a relação estabelecida com a antropologia através dos seus usos em etnografias, observação de campo e análises antropológicas da imagem. Seu uso na antropologia se dá com uma relação tensa com o texto.

Novaes (2008) afirma que o texto remete à autoria, a quem foi responsável pela sua escrita, já a imagem está mais ligada ao referente, ao que ela representa. Há uma diferença de distância, o texto parece manter essa distância sobre o que fala, já as imagens parecem mais próximas do assunto tratado. Outro ponto de tensão diz respeito ao significado atribuído a cada um:

Se o sentido do texto nos dá a impressão de ser único e fixo (embora seja, também ele, passível de várias leituras) e capaz de abstrações e generalizações, imagens têm uma natureza paradoxal: por um lado, estão eternamente ligadas a seu referente concreto, por outro, são passíveis de inúmeras “leituras”, dependendo de quem é o receptor.” (NOVAES, 2008, p.457).

A percepção das imagens diz mais respeito à pessoa que as vê. Ao contrário do texto, onde é possível se criar uma sequência de leitura, as fotografias podem ser vistas e entendidas de acordo com a subjetividade. Por mais que exista a presença autoral para se criar a exposição das imagens, quem cria as conexões entre elas é a pessoa que as observa.

Outro ponto importante que a estudiosa levanta é sobre a evocação que a imagem traz, a maneira como as sensações são mais perceptíveis através de uma imagem do que em um texto verbal.

Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla. Elementos visuais têm a capacidade de metáfora e sinestesia — relação subjetiva espontânea entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente. Podemos associar algumas formas ou objetos a pessoas ou seres específicos, certos cheiros evocam a infância etc. Esta capacidade de metáfora e sinestesia é muito mais acentuada nas imagens quando comparadas ao texto verbal. (NOVAES, 2008, p. 465)

Foi a partir de tais entendimentos que se propôs a oficina fotográfica para o ensino da sociologia em duas turmas do CEEP Castaldi. A atividade foi dividida em etapas. De início

houve a delimitação e retomada dos conceitos sociológicos trabalhados em sala de aula e a apresentação de noções básicas de técnicas fotográficas. Em um segundo momento os estudantes foram solicitados a produzir – em grupos – imagens fotográficas que, para eles, representassem os conceitos propostos. Para finalizar, foi solicitado que apresentassem a seleção das imagens fotográficas e que fizessem uma breve explicação sobre cada registro fotográfico.

3.2. Os “conteúdos estruturantes” da sociologia

Os conceitos sociológicos trabalhados na oficina foram retirados do Livro Didático Público do Estado do Paraná. O livro é dividido em “conteúdos estruturantes” e a partir deles há a subdivisão em capítulos. Para a atividade proposta trabalhou-se com os seguintes conteúdos estruturantes: “O Processo de Socialização e as Instituições Sociais” com os capítulos: “A Instituição Escolar”, “A Instituição Religiosa” e “A Instituição Familiar”; e o conteúdo estruturante “Poder, Política e Ideologia”, com o capítulo “Ideologia”.

Na introdução de cada conteúdo estruturante há breves explicações para elucidar a razão dos estudantes estudarem tal temática, através de exemplos observáveis na vida de cada um. Os autores do livro buscam despertar o interesse dos educandos para cada temática a ser tratada. Introduzindo as teorias de forma interligada ao cotidiano, há uma tentativa de facilitar a aprendizagem das teorias sociológicas sobre os diferentes assuntos.

O capítulo sobre Instituição Escolar inicia com um questionamento: “Como você reagiria se ouvisse ou lesse esta notícia? (A partir de hoje está decretado o fim das escolas no país)”. Para convencer os leitores que a escola é importante, há a apresentação de dados do censo escolar para comprovar que se estão estudando no Ensino Médio já podem ser considerados “vitoriosos”, pois a família é capaz de manter seus filhos na escola, o que demanda esforço e também dinheiro.

Há a contextualização histórica, apresenta-se a formação da escola como se conhece hoje. Segundo a autora do capítulo, a escola moderna organiza-se com características que permanecem até hoje: a separação dos alunos em classes, por idade; a divisão de programas para cada série; a sequência de estudos (ensino básico, médio e superior) e o tempo de estudo é preestabelecido. Tais características têm a função de organizar, disciplinar e controlar. Porém, há uma grande ressalva sobre o papel da sociologia.

É preciso atentar-se ao fato de que a disciplina ajuda a “desnaturalizar” os fatos. Desnaturalizar a instituição escolar, pensar nas razões pela qual ela foi construída, como ela age nos dias de hoje, é importante para se pensar em alternativas melhores para as gerações futuras. São apresentadas teorias gerais sobre a instituição escolar e como diferentes teóricos da sociologia a compreendem.

O filósofo Michel Foucault é mencionado para elucidar sobre os “micro poderes” que agem em âmbito geral na sociedade, inclusive na instituição escolar. A estrutura física, as regras, os olhares vigilantes estão presentes para disciplinar os corpos e a consciência, de maneira a tornar as pessoas obedientes onde ocorra a transmissão de valores para manter a estrutura social.

As teorias crítico-reprodutivistas partem do princípio que a escola contribui para que as desigualdades de uma sociedade de classe sejam reproduzidas. Os sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron são representantes dessa teoria e tecem uma crítica ao sistema escolar.

A teoria funcionalista de Émile Durkheim faz parte do pensamento conservador e não propõe mudanças no sistema escolar. O pensamento faz menção à manutenção do *status quo* e as instituições escolares, que assim como as demais instituições são responsáveis por transmitir à nova geração, os valores e ideais da geração mais velha, para que essa ordem seja mantida.

A partir da apresentação das três teorias distintas, a autora propõe um exercício para ser feito em sala: uma entrevista entre os alunos para saber quais elementos das teorias estudadas podem ser encontrados na escola em que estudam. A compreensão das teorias não é para que se “encaixe” a realidade dentro delas, mas para se pensar com um “novo olhar” para essa realidade e possibilidade de mudanças.

Para abordar a questão da Instituição Religiosa a autora discorre sobre a formação de um “pensamento sagrado” pela humanidade desde os tempos mais remotos. Parte da questão de religiosidade e fé para explicar o surgimento de religiões.

Religião como uma forma de alimento às nossas esperanças, como uma força que nos impulsiona em direção à construção daquilo que consideramos justo, ético e ideal. A crença de que em última instância, algo ou alguém irá nos socorrer, que não estamos abandonados à própria sorte, pode nos dar a força necessária para prosseguirmos em nossa aventura pela vida! A religião pode também nos ensinar a conviver com nossos conflitos interiores e aceitarmos o

que é inevitável, caso contrário, a vida se tornará inviável. Talvez elevar o pensamento ao Céu possa colocá-lo à altura de nossos desejos. (SEED-PR, 2006, P. 86)

A autora argumenta que é importante que se estude as diferentes religiões e manifestações religiosas para que se entenda a diversidade de explicações e entendimentos, afinal, não se vive isolado no mundo, há a convivência com a diversidade e para evitar atritos é preciso conhecer e respeitar essa heterogeneidade.

Há a apresentação das teorias de Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Para Durkheim a religião “teria a função de fortalecer os laços de coesão social, e contribuir para a solidariedade dos membros do grupo.” (SEED-PR, 2006. p. 90). Para Marx, “a religião é o ópio do povo”, ou seja, “a religião é o único refúgio, o único consolo para aqueles a quem a vida é muito dura e ingrata” (SEED-PR, 2006. p. 90). Finalmente, para Weber, os estudos sobre religião se concentram na sua ligação com o sistema econômico. O poder da Igreja e do Estado juntos.

A autora reforça a importância do conhecimento sobre as diversas religiões para se entender as explicações sobre o mundo. Ao saber que estas não são únicas, há uma “desnaturalização” das religiões, há o entendimento de que há várias explicações possíveis, diminuindo assim a intolerância religiosa.

Ao iniciar o capítulo sobre Instituição Familiar a autora apresenta diversas composições possíveis de grupos familiares, ressaltando a pluralidade desse tipo de instituição. Os estudos da Sociologia são apresentados como uma forma de se problematizar a questão e não de apresentar uma resposta de qual seria a “família ideal”.

A definição de família utilizada pela autora é apresentada da seguinte forma: “Família é um agrupamento de pessoas cujos membros possuem entre si laços de parentesco, podendo ou não habitarem a mesma casa.” (SEED-PR, 2006, p. 105). Há uma diferenciação entre família nuclear ou extensa. A primeira corresponde a uma composição familiar de pai, mãe e filhos, quando há a convivência com outros parentes como tios, tias ou avós, chama-se de família extensa.

Para problematizar a noção de família hoje, a autora cita estudos de antropólogos como Lewis Morgan, Bronislaw Malinowski e Claude Lévi-Strauss que estudaram as diversas possibilidades de agrupamentos familiares, em distintas regiões do mundo e em diferentes

épocas. Busca, a partir de exemplos de outras sociedades, demonstrar a não naturalidade de arranjo familiar e explicitar o caráter de construção cultural de tal instituição.

A família patriarcal é contextualizada na época do Brasil Colônia, há a explanação sobre as famílias latifundiárias, onde o pai é o proprietário das terras, dos bens e até mesmo das pessoas que habitam suas terras. O patriarca concentra o poder de decisão, até mesmo separado do Estado, pois são os próprios interesses que regem a gestão dessa família.

É apresentado Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro cujo objeto de estudo também abarcou a formação da sociedade patriarcal brasileira. O estudioso aponta a influência da família colonial como fator colonizador do Brasil, ao instalar fazendas, comprar bois e escravos, essa instituição familiar se desdobra em força política e exerce profunda influência na formação social e cultural da população brasileira.

O poder dado aos homens resultou em uma sociedade com atitudes machistas, de subserviência feminina, da diferenciação escolar entre os gêneros, do desrespeito e preconceito contra empregados domésticos. O pensamento cultural brasileiro é fortemente impregnado dessas ideias, mesmo assim houve o desenvolvimento de outras formas de organização familiar no decorrer da história.

A autora discorre sobre o surgimento de famílias monoparentais, situação em que há a formação de um arranjo familiar somente pela mãe ou pai e a criança. Em geral esse tipo de família é de chefia feminina, mulheres separadas, divorciadas ou solteiras. Com a mudança nas relações familiares criam-se novas formas de relacionamento social, a mulher não se submete mais à autoridade do marido, os filhos não precisam temer o autoritarismo da família e possuem a liberdade de fazerem suas próprias escolhas.

Outra mudança importante exposta pela autora é o surgimento de uniões homossexuais estáveis. A luta por direitos civis de grupos homossexuais têm obtidos conquistas como a adoção e o direito à utilização de inseminação artificial, o que indicaria uma aceitação e um aumento da tolerância da sociedade e do Estado. Para finalizar o capítulo, a autora reforça a ideia de que os conceitos trabalhados não são modelos a serem seguidos e que não cabe à sociologia dizer o que é certo e o que é errado e que “Desde que não nos maltratemos, e, mais do que isso, não façamos sofrer em demasia aqueles que um dia amamos (ou assim pensamos), estejam certos que *‘qualquer maneira de amor vale a pena’* (C.Veloso).” (SEED-PR, 2006, p. 115).

A questão da Ideologia também foi tratada a partir dos conceitos presentes no livro e sintetizada a partir do seguinte esquema:



“O esquema acima foi construído para se entender uma das relações entre Ideologia, Indústria Cultural, Consumismo e Capitalismo. Pode-se dizer que a Ideologia Capitalista e a Indústria Cultural têm um objetivo em comum: incentivar o Consumismo. O consumismo, por sua vez é uma das bases do Capitalismo, portanto a combinação de uma ideologia capitalista com o apoio da indústria cultural que levam ao consumismo exacerbado, mantém a “máquina” do capitalismo funcionando.

Além do consumismo, a ideologia das classes dominantes faz com que as pessoas almejem estilos de vida que não condizem com a realidade social em que vivem. Um bom exemplo disso são as novelas e filmes, onde, muitas vezes, há a representação de vidas ideais que não são possíveis na vida real. Mas calma, a ideologia não é algo individual, nas palavras de Ciro Marcondes Filho, a ideologia ‘(...) não atua, inclusive de forma consciente na maioria dos casos. Quando pretendemos alguma coisa, quando defendemos uma ideia, um interesse, uma aspiração, uma vontade, um desejo, normalmente não sabemos, não temos consciência de que isso ocorre dentro de um esquema maior, de um plano, de um projeto maior, do qual somos apenas representantes. ”

O texto reproduzido acima possui uma linguagem que busca se aproximar dos estudantes, característica desejada em um texto didático⁴ para se trabalhar com alunos de ensino médio. É uma síntese dos conceitos presentes no livro didático e de outros materiais de pesquisa utilizados.

⁴ Texto produzido para utilização nas regências, parte da matéria de estágio supervisionado III.

4. APLICAÇÃO DAS OFICINAS

4.1. Oficina de estágio

A proposta dessa atividade fez parte do meu estágio no CEEP Castaldi durante a graduação em Ciências Sociais – licenciatura durante o ano de 2012. Como atividade de estágio, é necessária a apresentação de três regências em cada semestre, além da observação em sala de aula no transcorrer do ano. A oficina fotográfica foi idealizada, em um primeiro momento, para ser aplicada como atividade integrante de nota do bimestre na sala de segundo ano do período matutino do ensino médio à qual eu estava inserida na qualidade de estagiária.

Tal turma já estava habituada com minha presença, pois foi a sala escolhida por mim para desenvolver as atividades do estágio durante o ano. Era uma turma com vinte e cinco estudantes. Havia uma divisão da classe em grupos menores, mas sabiam cooperar entre si quando necessário. Durante as regências havia a participação e colaboração da maior parte da turma. Quando a atividade foi proposta houve certa inquietação, pois era algo distinto do que eles normalmente produziam. Questionavam a qualidade dos equipamentos que possuíam e a própria capacidade de produzir o que foi pedido.

Após aulas expositivas e dialogadas sobre o tema Ideologia, solicitei que fotografassem situações, objetos, construções, enfim, o que pudessem associar com a temática trabalhada. Não era necessário que todos possuíssem um equipamento, pois a sala foi dividida em grupos de até cinco pessoas. Foram formados cinco grupos e os educandos tiveram cerca de vinte minutos para circular pelo colégio para tirar as fotografias. Podiam produzir a quantidade de fotos que desejassem, o limite estava no número de imagens a serem apresentadas.

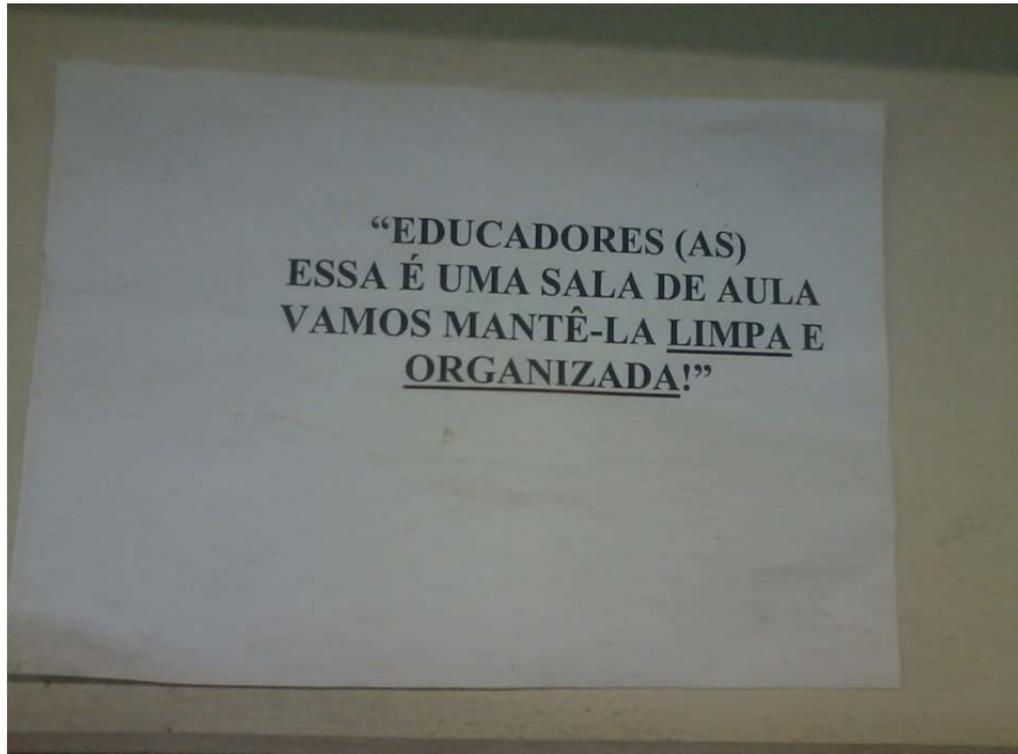
A exposição de técnicas fotográficas como enquadramento, planos e intencionalidade é relevante para que se incite uma problematização das fotografias observadas e feitas cotidianamente. O enquadramento é perceptível nas escolhas feitas sobre o que se fotografar, ao fazer tais escolhas, há uma “manipulação” da situação/sujeito fotografado, pois ao escolher o que e como isso se enquadra, se exclui outras informações. Em cada situação há uma escolha de plano de captura da foto. As diferenças entre os planos são referentes a uma questão de proximidade ou afastamento do assunto fotografado, o que se deseja incluir ou deixar de fora para dar destaque a determinados elementos em detrimento de outros.

Devido às restrições de local e tempo houve repetição nas imagens apresentadas e foram expostas ao todo trinta fotografias. Todos os grupos parecem ter percorrido o mesmo

percurso dentro do colégio. Foram selecionadas dez fotografias para se analisar. Buscou-se eliminar as repetições e privilegiar aquelas que foram mais bem explanadas pelos alunos durante as apresentações.

4.2. Análise das fotografias

Fotografia 1



A justificativa do grupo que apresentou essa imagem foi a de que a ideologia é uma maneira de “controlar” as pessoas, então esse cartaz seria uma maneira do Colégio Castaldi, enquanto instituição inserida dentro da sociedade capitalista, manter o controle sobre os profissionais de educação que atuam em sala de aula.

É possível se pensar que o cartaz refere-se aos educadores e educadoras, não aos educandos e essa ordem direta à pessoa que é vista pelos estudantes como autoridade leva a uma ideia de subordinação geral. Há o entendimento de que não são somente os adolescentes que devem seguir regras, mesmo a pessoa que, em geral, impõe as regras dentro de sala de aula tem que se reportar à autoridade. Portanto, há imposições em todos os níveis da esfera escolar.

Fotografia 2



A menção ao mundo da política foi apresentada pelo grupo como parte fundamental da ideologia vigente. Para os adolescentes, a “política não presta”, é algo que está distante do povo e serve somente ao sistema, para manter a vida em sociedade como se encontra na atualidade. A questão da ética foi apontada como algo a ser problematizado, pois os políticos em Londrina não são pessoas íntegras. Há somente o sentimento de vergonha por tais pessoas, como dito no adesivo.

As fotografias 1 e 2 trazem em comum o elemento textual. A busca pelo retorno ao texto mesmo quando solicitados a produzirem imagens parece ser a saída encontrada quando precisam expressar conceitos que lhe parecem muito abstratos. As palavras que foram fotografadas são o destaque das imagens, como se elas já expressassem todos os sentimentos deles.

Fotografia 3



O registro do estacionamento e dos carros foi uma das temáticas repetida por quase todos os grupos.⁵ A marca dos automóveis estacionados foi um detalhe mencionado repetidamente pelos jovens. Trouxeram para a discussão a questão do consumo, questionando a existência de carros de luxo. Ironizaram o fato de existirem carros importados e de valores elevados estacionados lá, uma vez que os professores reclamam do salário que recebem para exercerem tal profissão.

A repetição dos retratos dos automóveis foi massiva por fazer parte do imaginário de consumo desses jovens. Há a ideia de que a posse de um automóvel, principalmente um carro, trará maior *status* em relação aos seus pares. A correlação entre ideologia e indústria cultural é fortemente percebida através da questão do consumo. É interessante ressaltar também a preocupação com o enquadramento: ao fotografarem os carros formando essa linha diagonal, o olhar flui pela imagem e percorre todos os carros, ressaltando a quantidade e diversidade de veículos.

⁵ Fotografias 45, 46, 47, 49, 52,53 e 59 em anexo.

Fotografia 4



A questão do consumo também apareceu em fotos similares à fotografia 4.⁶ Retrataram marcas consumidas por eles e seus colegas. Ao agruparem as mochilas de mesma marca buscaram dar ênfase na quantidade presente na sala de aula. Houve um comentário especulando quantas bolsas similares seriam encontradas na totalidade do colégio. Porém, apontam que tal mochila possui melhor qualidade que outras, portanto, há uma justificativa para possuí-la.

Houve a manipulação para se criar essa ideia de repetição, esse agrupamento é necessário para dar destaque à marca. Se vistas separadamente, não causam tanto impacto sobre sua propagação, seria mais difícil de se perceber a grande quantidade presente no dia a dia. Mesmo que dispersa, a marca é percebida, mas como algo comum e não problematizada.

⁶ Fotografias 43, 44, 51 e 57 em anexo.

Fotografia 5



O registro do tênis segue a mesma lógica da fotografia 4. Os alunos buscaram apresentar a questão do consumo de marcas. Afirmaram que esse tipo de calçado é propício para a prática de esportes, porém o colega que posa para a foto não pretende fazer exercícios físicos, ele utiliza o tênis por causa da marca, porque “todo mundo usa”. Apesar de criticarem os próprios atos, não havia o constrangimento por fazer parte do grupo de consumidores dessas marcas. Problematizavam as questões de acordo com a teoria apresentada, mas se defendiam a partir da mesma, afirmando que tais ideias eram impostas a eles.

Ao dar um *close*, uma aproximação para se dar destaque, somente no objeto que se pretendia discutir, tira-se o sujeito da imagem. Cria-se a percepção que pode ser qualquer pessoa utilizando tal tênis, seja do sexo masculino ou feminino, de idade próxima à deles ou outra faixa etária. Há outra fotografia⁷ na qual o calçado está na mureta, demonstrando que o foco está no objeto e na marca e não na pessoa que o utiliza.

⁷ Fotografia 54 em anexo

Fotografia 6



O retrato desse jovem foi apresentado como uma oposição às ideologias vigentes. Segundo o grupo responsável, o rapaz estava lendo, estudando a partir de um livro e, apesar de ter fones de ouvido, não o utiliza enquanto faz as leituras. Há a ideia de que, ao ler livros, não se está “alienado” utilizando aparelho eletrônico. As imagens, penduradas ao fundo, também são apontadas como algo contrário às ideologias, pois a expressão artística é uma maneira de se tentar pensar o mundo de forma diferente. Segundo os estudantes, a arte pode ser contestatória.

O enquadramento foi pensado tecnicamente, há a contextualização através da apresentação de vários elementos. Pode-se entender que o adolescente se encontra em um ambiente que não é a sala de aula pois ele está sentado à uma mesa grande e não em uma típica carteira escolar. É interessante notar que a fotografia foi tirada em horário de aula, portanto, o estudante não deveria estar fora da sala, mas, apesar do horário indevido para a permanência do lado de fora, está estudando.

Fotografia 7



Ao exibirem tal imagem, o grupo responsável chamou atenção para os dizeres nos cartazes: “Oportunidade de estágio remunerado”, “Contrata”, “Oferta de estágio” e “Oferta de emprego”. Afirmaram que tal mural reproduz as demandas do sistema capitalista, pois busca levar o corpo discente do colégio a se enquadrar no mundo do trabalho.

O deslocamento da moça para o canto da foto, em uma composição que possibilita a leitura dos papéis demonstra a intenção do grupo em destacar as palavras. Ela está sem o uniforme escolar, o que pode significar que ela já não estuda mais no colégio e por isso parece tão interessada nos anúncios. Após o término do ensino médio, o mercado de trabalho é a próxima etapa para muitos estudantes.

Fotografia 8

A bicicleta é apontada como meio de transporte alternativo. Há a ideia de que esse veículo de duas rodas não é poluente, portanto ajuda a reforçar o pensamento sobre a sustentabilidade dentro da cidade. Além desse uso, o grupo sinaliza também a questão do lazer: a bicicleta como uma alternativa saudável de diversão, em contraponto a computadores, videogames ou qualquer outra atividade que envolva aparelhos eletrônicos.

Elas aparecem como um contraponto a tantos registros de automóveis. O verde da grama presente na foto remete às atitudes sustentáveis, de preservação do meio ambiente. Há na figura da bicicleta a ideia de independência para o adolescente, a possibilidade de se deslocar pela cidade sem depender de um veículo motorizado e, conseqüentemente, sem estar sujeito à vontade de outras pessoas.

Fotografia 9



A imagem das lixeiras de coleta seletiva é apresentada como símbolo de uma luta contra a ideologia do consumo. O grupo explana que o incentivo à reciclagem é uma forma de se repensar o consumo, que o reaproveitamento de materiais é primordial para se pensar em uma sociedade mais sustentável. Porém, problematizam a questão ao se referirem às empresas que “se dizem” sustentável, mas que visam o lucro a partir dessa “fachada”. Criticam a ressignificação do referido ideal pelo sistema capitalista que busca lucrar de qualquer maneira.

Afirmaram ainda que o colégio parece se preocupar com a temática, mas que a utilização de tais lixeiras padronizadas também serve para se criar uma “fachada” sobre o assunto. Apontaram que a utilização das lixeiras não se dá de maneira satisfatória, pois, as pessoas acabam misturando os tipos de dejetos e efetivamente tudo se torna lixo, sem a possibilidade de reciclagem.

Fotografia 10



De acordo com a fala do grupo, a fotografia foi elaborada mais a partir de pressupostos estéticos do que ideológico. As dependências do colégio foram registradas para que o grupo pudesse apontar questões relativas ao sistema educacional, porém a imagem resultante foi apresentada devido à satisfação com o resultado final. O bom emprego das técnicas fotográficas foi a motivação de tal registro.

Não foi a única imagem fotográfica apresentada a partir de tal pressuposto⁸. É notável que a aplicação dos processos fotográficos chamou a atenção e os estudantes refletiram um pouco mais antes de efetuar o *click* na máquina. Houve a tentativa de pensar tecnicamente para a obtenção de resultados próximos às imagens apresentadas como exemplo de emprego da técnica.

As falas dos alunos foram todas permeadas pelos conceitos trabalhados anteriormente. É interessante ressaltar que não se pediu nenhum tipo de texto após essa atividade. A

⁸ Fotografia 70 em anexo.

avaliação se baseou nas observações dos alunos no momento em que produziam as fotografias e no período de expor as imagens para a sala.

Sabe-se que a pluralidade de educandos não possibilita uma forma de avaliação que seja justa com todos. Há aqueles que possuem uma maior afinidade com a expressão escrita e outros que preferem a oralidade. Para se problematizar essas maneiras de avaliação que a proposta do uso da fotografia foi pensada. Ao produzirem fotografias como forma de expressão, a exposição oral é mais sucinta, se diz o que estava pensando no momento do *click*. É diferente de quando o aluno precisa “decorar” um conceito e expressá-lo.

4.3. Oficina no primeiro ano

A professora de sociologia do colégio achou interessante a atividade proposta e os resultados apresentados pela turma de segundo ano. Então, ela sugeriu que a atividade fosse aplicada em uma turma de primeiro ano, com a qual estava trabalhando a temática das instituições sociais. A concepção do trabalho foi similar: houve a apresentação de conceitos básicos sobre técnica fotográfica e foi solicitado que produzissem até cinco fotografias sobre cada um dos conceitos trabalhados no decorrer do bimestre.

A turma foi dividida em sete grupos, com no máximo quatro integrantes cada. Com aproximadamente vinte alunos, a sala era bem dividida em grupos que se rivalizavam entre si, não havia um diálogo e eram comuns os comentários agressivos com o intuito de atingir uns aos outros. Houve um grupo de quatro meninos que se recusou a fazer o trabalho e não apresentaram nada, ficando com nota zero na atividade.

Ao todo foram apresentadas setenta fotografias, porém muitas não foram produzidas pelos estudantes. Houve a digitalização de fotos antigas e a utilização de fotos de arquivo pessoal e além de outras retiradas de sites da internet. Foram selecionadas trinta imagens para a análise. Buscou-se privilegiar as fotografias autorais ou de arquivo pessoal, porém a forte presença de fotografias ilustrativas retiradas da internet demandou uma análise sobre elas.

Para se tecer os comentários, haverá o agrupamento por temática e similaridade entre as imagens. Foi solicitado que produzissem uma apresentação das fotografias no programa *powerpoint*, que possibilita a inserção de legendas e efeitos na imagem para a montagem de *slides*. As imagens fotográficas que foram alteradas são reproduzidas tal como se encontram no arquivo recebido, assim como as legendas criadas pelos estudantes.

4.3.1. Instituição Escolar

Fotografia 11 – “Equipe Vermelha, comemorando sua vitória em uma das provas da gincana. Setembro 2012. Colégio CEEP- Castaldi Londrina.”.



O grupo alegou que a gincana cultural é uma importante atividade realizada no colégio, pois tira todos da rotina e leva a uma convivência diferente do dia a dia. Afirmaram que eventos extra-cotidianos são parte fundamental para uma Instituição Escolar, pois é em tais eventos que se criam vínculos com uma maior parte da comunidade escolar.

A cena registrada aconteceu um tempo antes da atividade, então é possível se assegurar que esse é um caso de busca nos arquivos pessoais para a utilização no trabalho. Não se sabe a autoria da foto, porém, são registros feitos por alguém da equipe e demonstram essa preocupação em ter uma lembrança, em forma de recordação visual, do acontecimento.

Fotografia 12 – “Rumo à Vitória”



Fotografia 13 – “Dança”



As fotografias 12 e 13 também são registros da gincana⁹ e mostram algumas atividades do evento. É interessante notar que os colegas de sala aparecem em situações distintas nas fotografias apresentadas, o que causou reações diversas no momento em que eram projetadas. Um sentimento recorrente foi o de vergonha, a exposição perante a sala traz um desconforto, pois a maioria tece algum comentário, seja para “tirar sarro”, para elogiar ou tentar ofender.

Essa sensação de exposição e julgamento é conflitante, pois havia aqueles que gostavam de falar sobre todo mundo, sempre tinham algo a dizer sobre a fotografia do colega. Porém, quando se tornou o “alvo” dos comentários, não se sentiu a vontade, teve a sensação de ter a privacidade invadida, sem a consciência de que anteriormente estava agindo de maneira similar.

O uso da fotografia como lembrança e criação de memórias é recorrente entre os adolescentes. Por ser algo incomum, a gincana é extensivamente registrada por muitos alunos e parece haver a necessidade de se criar em fotos a memória de tal evento. Essa característica de evocar sentimentos é percebida pelos adolescentes, mesmo que não reflitam sobre eles. Os comentários eram carregados de emoções.

⁹ Outros registros da gincana nas fotografias 63, 64, 68 e 69 em anexo.

Fotografia 14 – “Instituição Escolar”



Fotografia 15 – “Portão principal do CEEP Castaldi”



Fotografia 16 – “Foto de um ambiente escolar, bem como das salas de aula. Podemos notar a presença de estudantes na mesma.”



As fotografias 14, 15 e 16 mostram a área externa do colégio, a infraestrutura¹⁰ é pensada como símbolo do estabelecimento. Para se pensar a instituição escolar, se pensa na estrutura física. As duas primeiras são retratos dos portões de acesso, local por onde passam diariamente, porém, o letreiro com a identificação da instituição não havia sido notado por alguns alunos, que se mostraram surpresos com tal registro. O ângulo diferente escolhido pela pessoa ao produzir a foto 15 causou desconforto, a mudança de ponto de vista tornou a identificação mais difícil, o que despertou curiosidade.

¹⁰ Também observada nas fotografias 42, 50, 58, 65, 72 em anexo.

Fotografia 17 – Sem Legenda



Fotografia 18 – “Sala de Aula”



As fotografias 17 e 18 são registros de salas de aula¹¹. A primeira foi apresentada como sendo uma sala de outro colégio, afirmaram que a fotografia não foi feita nas dependências do CEEP Castaldi, porém, disseram que a configuração do local é muito parecida com o lugar no qual estudam. As carteiras são similares, a televisão pintada da cor laranja é simbólica (no sistema público de educação do estado do Paraná os aparelhos televisores são pintados para identificação).

A fotografia 18 foi produzida para o trabalho e apresenta uma sala organizada e limpa com as carteiras alinhadas e a presença de somente um aluno, não há docente nem colegas. Pressupõe-se que o registro foi feito antes do início da aula, pois tal organização, em geral, só se encontra nesse horário.

As imagens que têm em comum a baixa presença de estudantes na cena causam estranhamento, pois no imaginário sobre um ambiente escolar, a presença de jovens é primordial. Esse esvaziamento das imagens parece retratar um isolamento dos indivíduos que produziram a fotografia. Preferem tirar as fotos quando não há muito movimento, se escondem do coletivo que poderiam fazer comentários sobre o ato, querer fazer brincadeiras para aparecer no registro fotográfico e, assim, expor aqueles que estão fazendo o registro.

Fotografia 19 – “O professor(a), constitui um elemento marcante na Instituição Escolar, estando constantemente presente no cenário escolar, e sendo responsável pela instrução e ensino dos que nele se encontram.”.



¹¹ As fotografias 73 e 75 trazem salas de aula de outros estabelecimentos.

Fotografia 20 - “Seu papel fundamental, é exercido com excelência, seja na prática...”.



Fotografia 21 – “... ou na teoria!?!?!?”



O conjunto desses retratos foi apresentado por um dos grupos e despertou a atenção por ser o único a apresentar o corpo docente de maneira tão próxima. Na fala do grupo, comentaram que foram à sala de professores e pediram para algumas pessoas posarem para a foto, houve a negativa de algumas, porém conseguiram alguns retratos. A legenda criada para

a fotografia 19 mostra uma definição sobre o papel do professor. As fotografias 20 e 21 retratam, respectivamente, a professora de Educação Física e a de Filosofia e na própria legenda se percebe que a escolha se deu devido à natureza distinta das matérias ministradas pelas professoras. Ao fazer retratos do corpo docente, há a aproximação com tais profissionais, se enxerga além de seus ofícios e suas características pessoais são evidenciadas.

4.3.2. *Instituição Familiar*

Fotografia 22 – “Logicamente, porém estamos cientes de que, uma é diferente...”.



Fotografia 23 – “... da outra.”.



As fotografias acima foram retiradas da internet e a justificativa do grupo foi que as imagens foram inseridas para mostrar a diversidade de famílias. As legendas buscam deixar isso claro. Tal elemento é utilizado pelo grupo de forma linear, a legenda de uma foto é continuidade da anterior. Por tal motivo, as fotografias apresentadas acima parecem descontextualizadas, pois havia uma definição de instituição familiar em legendas anteriores.

Há diferenças na vestimenta e na “pose” de cada uma, o que levou o grupo a expor as duas famílias como diferentes entre si, porém, conceitualmente ambas representam a família nuclear, que apenas diferem no número de membros, mas há a presença das figuras de pai, mãe, filhos e filhas. O fato de serem famílias brancas chamou a atenção dos colegas que afirmaram que a diversidade encontrada na classe prova que esse modelo de família não é unanimidade.

Fotografia 24 – “Família Talita”



Fotografia 25 – “Avó com alguns de seus netos comemorando seu aniversário de 76 anos. 14/07/2012; Londrina.”.



Fotografia 26 – “Família da Simone”



Fotografia 27 – “Elizabeth casou com 18 anos, com seu melhor amigo Ediel.”.



Fotografia 28 – “Rosa com 70 anos, cuidava dos 3 netos em Maranhão. Essa era sua família.”.



A apresentação das próprias famílias¹² serviu como embasamento para afirmarem que há diversas composições familiares possíveis. A exposição das fotografias pessoais ilustra essa diversidade. Para eles, seria possível pensar outros conceitos de instituição familiar a partir do que é conhecido. A aproximação com a vida pessoal facilitou a explicação sobre o conteúdo. Em relação aos comentários sobre famílias distintas das suas, cada aluno soube respeitar as diferenças e muitos demonstraram interesse na diversidade.

¹² As fotografias de 78 a 89 do anexo são retratos de família dos alunos

Fotografia 29 – “Reunião”



Fotografia 30 – “Comidas trazidas por cada família que participou da festa. 14/07/2012; Londrina.”.



Os registros ligados à comida aparecem como símbolos de uma atividade em família. Apesar da fotografia 29 retratar um estabelecimento comercial, a aluna afirmou que é nessa sorveteria que se encontra com primos e tios em momento de lazer, para conversar e tomar um sorvete. Já a fotografia 30 traz uma variedade de comidas que, segundo a autora da foto, foi levada para uma festa de família pelos parentes convidados.

Esse tipo de relação entre reunião familiar e alimentação gerou muitos comentários entre os estudantes, contaram casos inusitados que já ocorreram em tais reuniões, discorreram sobre os tipos de comidas que aparecem, mostraram enfim a vivência que possuem com tal situação e o prazer despertado pelo ato de comer junto com pessoas queridas.

Fotografia 31 – “Eduardo Baeta”



A alegação da aluna que apresentou a fotografia 31 foi que o cachorro é como um irmão pra ela, que faz parte da família e possui inclusive o mesmo sobrenome. A estudante disse ainda que gosta de comprar roupas e acessórios para ele e que o cão “adora ganhar presentes”.

A humanização do bicho de estimação em questão é clara. Ao atribuir sobrenome e o chamar de irmão, a aluna enfatiza os laços sociais criados entre ser humano e animal. Houve

colegas de sala que concordaram que animais podem fazer parte da família, mas existiram também aqueles que alegavam que não poderia haver tal composição familiar. Porém, o fato de haver a menção sobre esse tipo de arranjo familiar, integrando os bichos de estimação mostra a compreensão da flexibilidade do conceito.

4.3.3. *Instituição Religiosa*

Fotografia 32 – “Paróquia”



Fotografia 33 – “Congregação Cristã. Estrutura de uma igreja evangélica –londrina”

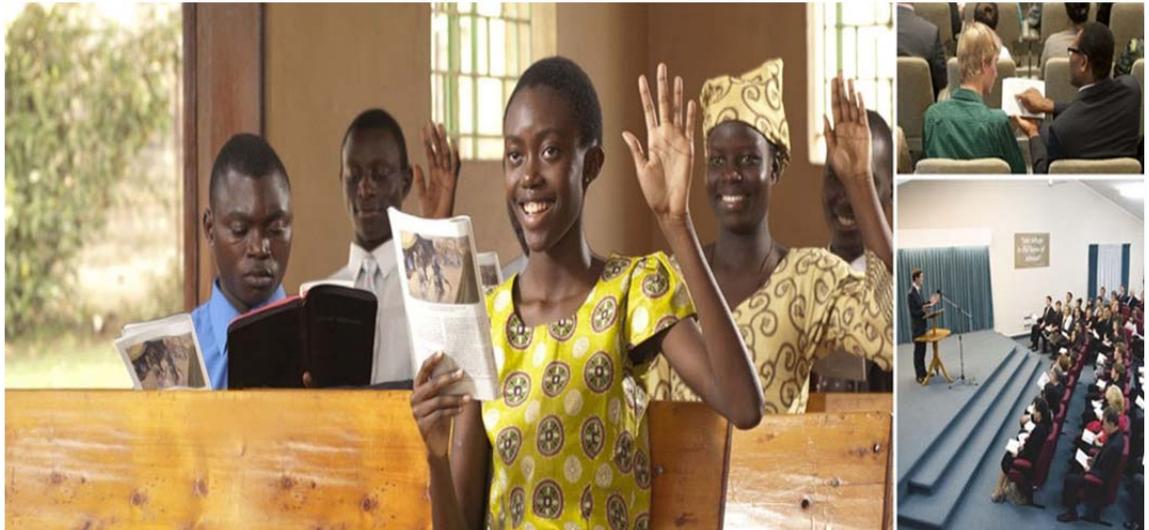


A apresentação da estrutura física¹³ das instituições religiosas se assemelha às fotografias da infraestrutura do colégio. Para se pensar as instituições religiosas, se apresenta o ambiente no qual as pessoas se encontram. A aluna que produziu a fotografia 32 afirmou que foi batizada na igreja católica, que já frequentou a paróquia retratada, no entanto, atualmente não vai mais. Já a apresentação da congregação cristã foi feita por um grupo que afirmou não ter vínculos com nenhuma instituição religiosa e que o registro foi feito para ilustrar o trabalho.

Há uma similaridade dessas fotografias com as relacionadas à instituição escolar, onde a arquitetura do local traz características sobre a atividade exercida. A cruz na fachada, por exemplo, foi reconhecida pela maioria dos alunos como um símbolo da igreja católica. A pintura com a inscrição “Congregação cristã no Brasil”, do prédio retratado na fotografia 33, também possibilita uma rápida identificação como instituição religiosa. E o fato de ambas não apresentarem pessoas na foto trazem essa sensação de afastamento, de registro arquitetônico sem uma ligação mais forte.

¹³ Ver também fotografia 96 em anexo

Fotografia 34 – “Reunião das Testemunhas de Jeová, em diferentes partes do mundo.”.



Fotografia 35 – “Dentro da Assembléia de Deus”



Para mostrar os integrantes das religiões, os grupos expuseram fotografias oficiais retiradas de sites¹⁴. Os estudantes responsáveis por apresentarem as fotos afirmaram que são membros ativos das religiões apresentadas. O adolescente que faz parte do grupo

¹⁴ Fotografias 98 e 99 em anexo também são ilustrativas

“Testemunhas de Jeová” comentou que escolheu a fotografia 34, pois ela que mostra o alcance da religião e os adeptos em várias partes do mundo. A fotografia 35 foi indicada pelo estudante como o registro de um evento importante da “Assembleia de Deus”. As pessoas de veste branca seriam batizadas nesse dia. Ao contrário das duas primeiras fotografias sobre a instituição religiosa nas quais havia um afastamento, a apresentação de imagens com a presença de pessoas traz a ideia contrária, a de aproximação e pertencimento.

Fotografia 36 – “Cantando no coro da Igreja”



Fotografia 37 – “G.E (Grupo Evangelístico) quarta –feira 10/10/2012 Londrina”



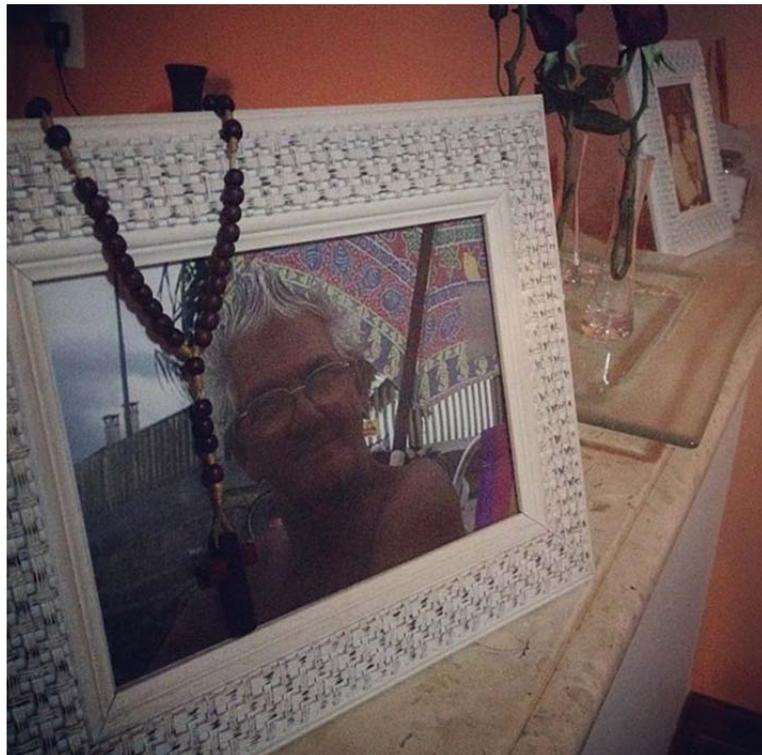
Fotografia 38 – “Eurico e Maria. Serve-se a religião evangélica, durante 44 anos”.



As fotografias 36, 37 e 38 foram apresentadas como registros de atividades nas quais participam.¹⁵ Aparecem, respectivamente, o coral da igreja, o grupo de jovens e o culto. Ao descreverem as fotografias, os estudantes contavam um pouco da vida pessoal e demonstravam o papel da religião na vida de cada um. As diferentes formas de participar das atividades de uma igreja foram ressaltadas pelos estudantes.

A aproximação dos sujeitos retratados é notável e há a possibilidade de se observar as expressões, sentir a emoção de quem canta no coral. O grupo de jovens retratado mostra um contraponto com o retrato do casal, no qual a observação das vestimentas traz a ideia de formalidade: o senhor de terno e gravata; a senhora de camisa e blusa de linho. A devoção merece uma distinção dos outros momentos da vida. Já a juventude, incorpora a religião em encontros informais, somente com seus pares.

Fotografia 39 – “Rosário”



¹⁵ Há outros registros da mesma temática nas fotografias 90, 92, 93 e 95 em anexo.

Fotografia 40 – “Exposição no Museu –Londrina. A imagem de Jesus na Cruz é um símbolo utilizado na igreja Católica”



A questão dos símbolos religiosos é evidenciada pelas fotografias 39 e 40¹⁶. O rosário e a imagem do crucifixo são expostos como símbolos da religião católica, os grupos responsáveis discorreram sobre o caráter sagrado de tais figuras. A pessoa responsável por apresentar o registro fotográfico do rosário afirmou que foi a avó quem colocou o objeto em cima do porta retrato, para não ficar “jogado” em qualquer lugar. A imagem do crucifixo foi feita pelo grupo em uma visita ao museu. Não há uma ligação direta, mas há a consciência do respeito pelo símbolo.

¹⁶ Outros símbolos presentes nas fotografias 91, 94 e 100 em anexo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi pensar o que é apreensível dos registros fotográficos produzidos ou escolhidos pelos discentes. Apesar deste foco na análise, também se levou em consideração os comentários realizados pelos próprios alunos durante as apresentações realizadas em sala de aula. Deste modo, a análise fotográfica possibilitou perceber de que maneira os conceitos sociológicos e também os fotográficos foram apreendidos.

É possível afirmar que a ligação com a vida pessoal facilitou a compreensão das noções sociológicas, ou seja, ao “visualizar” os conceitos nas próprias imagens fotográficas houve facilidade de assimilação. O fato de lidarem com a diversidade dentro do próprio grupo aproximou o desconhecido e o tornou menos intimidante. As diferenças foram percebidas e respeitadas e a quebra de estereótipos foi importante para que criassem a consciência da alteridade.

A apresentação da vida pessoal foi predominante, pois a familiaridade sobre o assunto discutido facilitou a criação de uma imagem sobre a temática. Mostrar a própria vida, a família, a igreja e as atividades desenvolvidas, foi a maneira encontrada pelos estudantes para se expressarem e criarem uma visualidade dos conceitos sociológicos. Foi possível perceber a questão da evocação de sensações que Novaes aponta, as fotografias pessoais geravam comentários e lembranças sobre o momento fotografado.

Ao analisar a produção fotográfica autoral dos alunos, foi possível perceber que a questão da técnica fotográfica foi rapidamente assimilada. Já produziam imagens, mas não havia um conhecimento técnico para aprimorar tal produção. Apesar disso, é observável a questão do “recorte do olhar” proposto por Costa. Houve a apresentação de um mesmo assunto através de diferentes composições com um mesmo objeto, no caso os veículos. A estrutura física do colégio foi outro “objeto” fotografado de diversas maneiras.

Na escolha das fotografias de arquivo pessoal é possível perceber a criação do que Sontag chama de “crônica visual” da vida pessoal. As fotografias são feitas com o intuito de “eternizar” os momentos e durar mais do que a própria vida das pessoas retratadas. As fotografias de eventos em família, situações especiais com os amigos e acontecimentos sociais marcantes são recorrentes nas apresentações, é possível afirmar que, em geral, é esse o teor das fotografias produzidas pelos alunos.

Devido à contextualização estabelecida, a análise de fotografias seguiu um caminho determinado. Têm-se a consciência de que outros desdobramentos são possíveis a partir desse trabalho. A análise semiótica de imagens é uma maneira tradicional de se ler imagens, porém, no presente trabalho se procurou centralizar as discussões na questão da análise antropológica proposta.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005. v.12 / coord. Geral Adilson Citelli, Ligia Chiapinni

CEEP Castaldi. Projeto Político Pedagógico do. Ano 2010

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico**. In: *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Oct. 2008 .

ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO. **Conhecimentos de Sociologia**. In: *Ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica*. Autores: Amaury César Moraes, Elisabeth da Fonseca Guimarães & Nelson Dácio Tomazi. 2006. p. 101-133.

PARANÁ. Secretaria da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica- sociologia**. Paraná, 2008

SAMAIN, Etienne. **Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais**. In: Fieldmann-Bianco, Bela & Leite, Miriam L. Moreira. *Desafios da imagem*. Campinas: Papyrus, 1998

SEED-PR. **Sociologia**/vários autores. 2006

SILVA, Ileizi L. F. **A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina**. In: *Cronos*, Natal-RN, v.8, n.2, p.403-427, jul./dez. 2007. Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/view/1844/pdf_61. Acesso em: 10. Nov. 2012.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**; tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

7. ANEXOS

Fotografia 41



Fotografia 42



Fotografia 43



Fotografia 44



Fotografia 45



Fotografia 46



Fotografia 47



Fotografia 48



Fotografia 49



Fotografia 50



Fotografia 51



Fotografia 52



Fotografia 53



Fotografia 54



Fotografia 55

Oportunidade de Estágio

TÉCNICO EM ELETRÔNICA / ELETROELETRÔNICA

- ✓ **REQUISITOS:** Estar cursando curso técnico em Eletrônica ou Eletroeletrônica, com disponibilidade para estágio de 06 horas; Conhecimento Pacote Office.
- ✓ **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:** Realizar teste de equipamentos eletrônicos voltados para rastreamento; teste de comunicação via satélite e gprs; análise de circuitos digitais; desenvolvimento de software de interfaceamento; sugerir mudanças para melhor desempenho dos equipamentos.
- ✓ **HORÁRIO:** Das 10:00 às 17:00 hrs com 60 min. de intervalo.
- ✓ **BOLSA AUXÍLIO:** R\$ 500,00 + Vale Refeição de R\$ 165,00 mês + Vale Transporte.

Interessados cadastrar-se no site www.vagas.com.br/ielpr
e ligar para agendar uma entrevista (43) 3294-5130
Número da vaga: V590595

Fotografia 56



Fotografia 57



Fotografia 58



Fotografia 59



Fotografia 60



Fotografia 61



Fotografia 62



Fotografia 63 – “Equipe Vermelha; disputando na gincana; (prova de cabo de guerra). Setembro 2012. Colégio CEEP-Castaldi Londrina.”.



Fotografia 64 – “Equipe Vermelha, apresentando seu grito de guerra. Setembro 2012. Colégio CEEP- Castaldi Londrina.”.



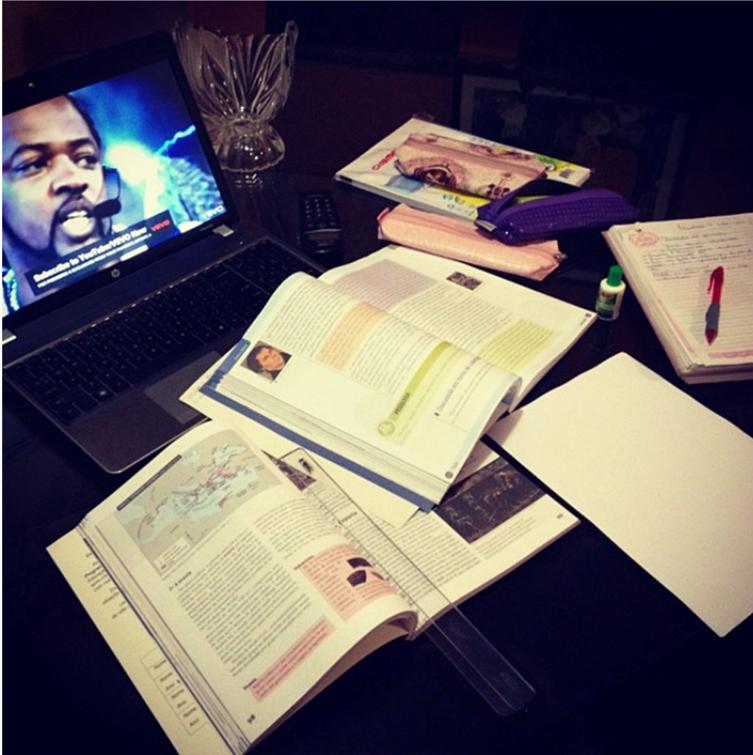
Fotografia 65 – “Castaldi”



Fotografia 66 – “Estudos”



Fotografia 67 – “Trabalhos”



Fotografia 68 – “5! (não sei porque estão mostrando o 5)”.



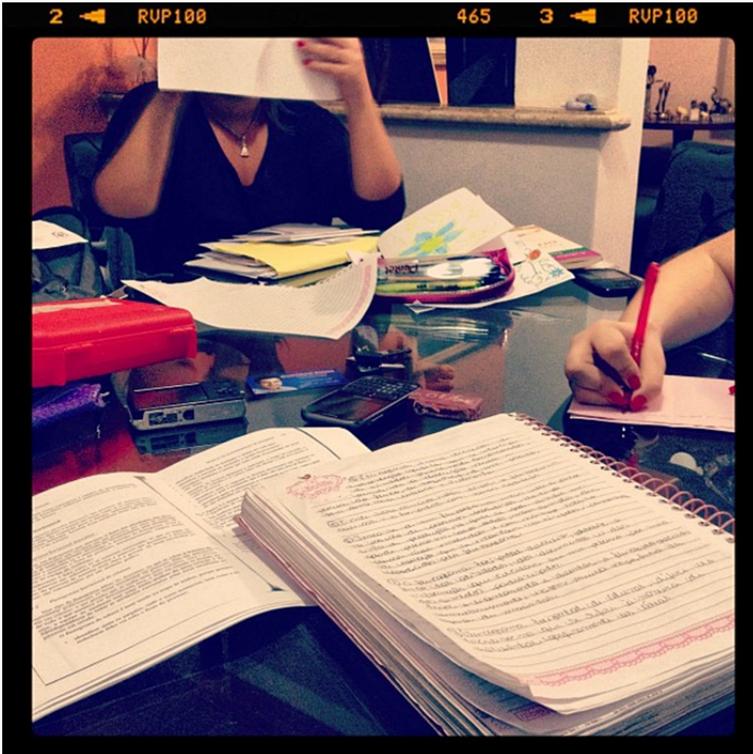
Fotografia 69 – “Alguns dos Participantes da gincana”



Fotografia 70 – “Na escola!”.



Fotografia 71 – “Cadernos”



Fotografia 72 – “a vista do lado de fora da sala de aula”



Fotografia 73 – “Nesta foto, nós visualizamos um ambiente tipicamente escolar, onde a presença do professor e dos alunos ou estudantes é marcante.”.



Fotografia 74 – “Instituições escolar”



Fotografia 75 – “E.F. P Luiz Carlos Matiel Pires. Escola fundamental no centro de Mirassol”.



Fotografia 76 – “Colégio Londrinense. Turma de 1992, dia das crianças.”.



Fotografia 77 –“Colégio Anísio José Moreira. Palestra educativa no colégio Anísio Na cidade de São Paulo.”.



Fotografia 78



Fotografia 79



Fotografia 80 – “Família Cavalcante, assim que chegaram no Ody park Maringá 04/03/2012.”.



Fotografia 81 – “Família Cavalcante, indo embora do Ody park Maringá 04/03/2012.”.



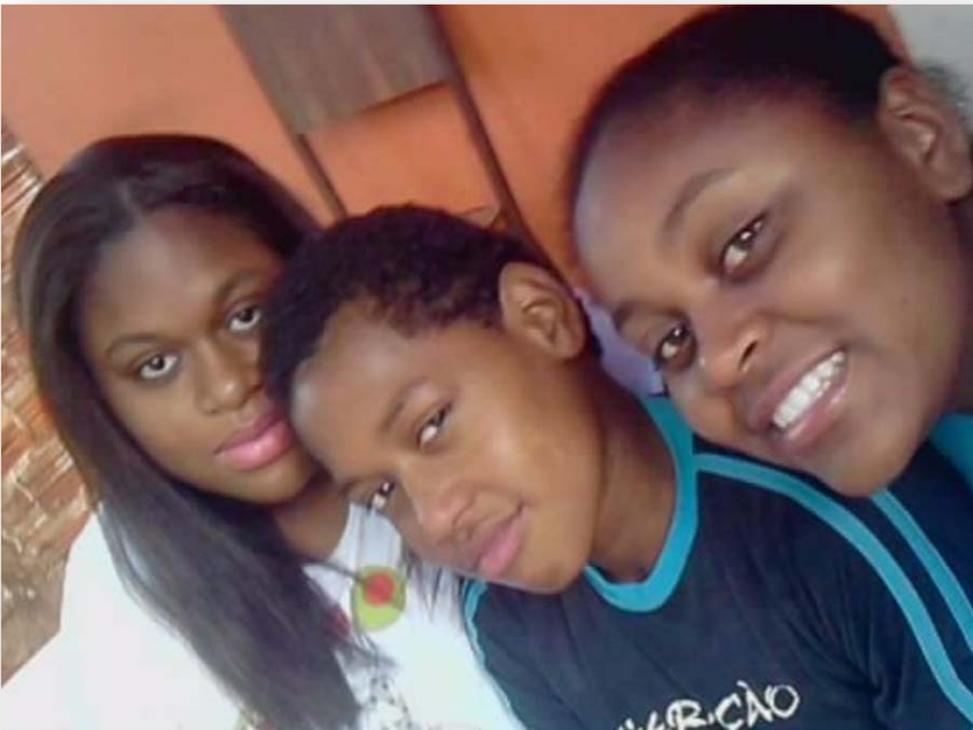
Fotografia 82 – “Mãe”



Fotografia 83 – “Mãe e Pai da Ketlin.”.



Fotografia 84 – “Eu e meus irmãos”



Fotografia 85 – “beijão haha”



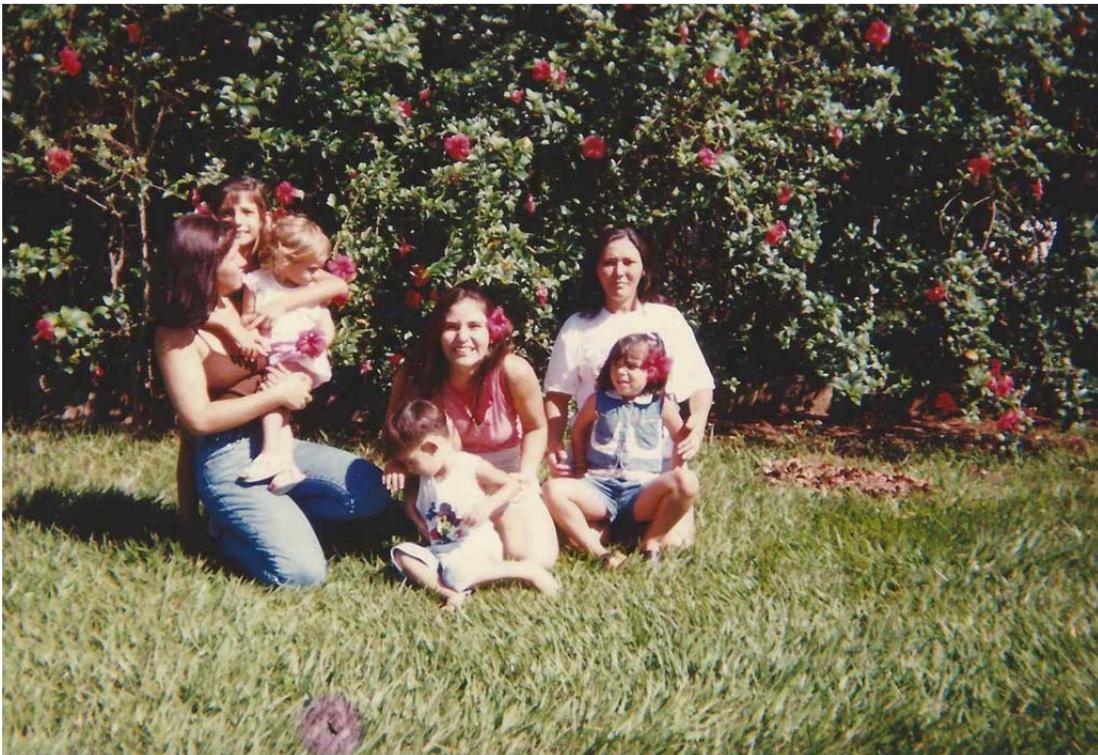
Fotografia 86 – “A família é uma instituição muito importante, pois é nela que nós formamos os nossos valores, nos sentindo em segurança, é nela também que aprendemos grande parte das coisas que sabemos hoje, e onde desenvolvemos a nossa própria personalidade.”.



Fotografia 87 – “Raphael. Construiu uma família aos 21 anos com o seu primeiro filho, Gabriel”.



Fotografia 88 – “Instituição Familiar”



Fotografia 89 –“Marli. Teve sua terceira filha aos 32 anos. É casada e tem três filhos.”.

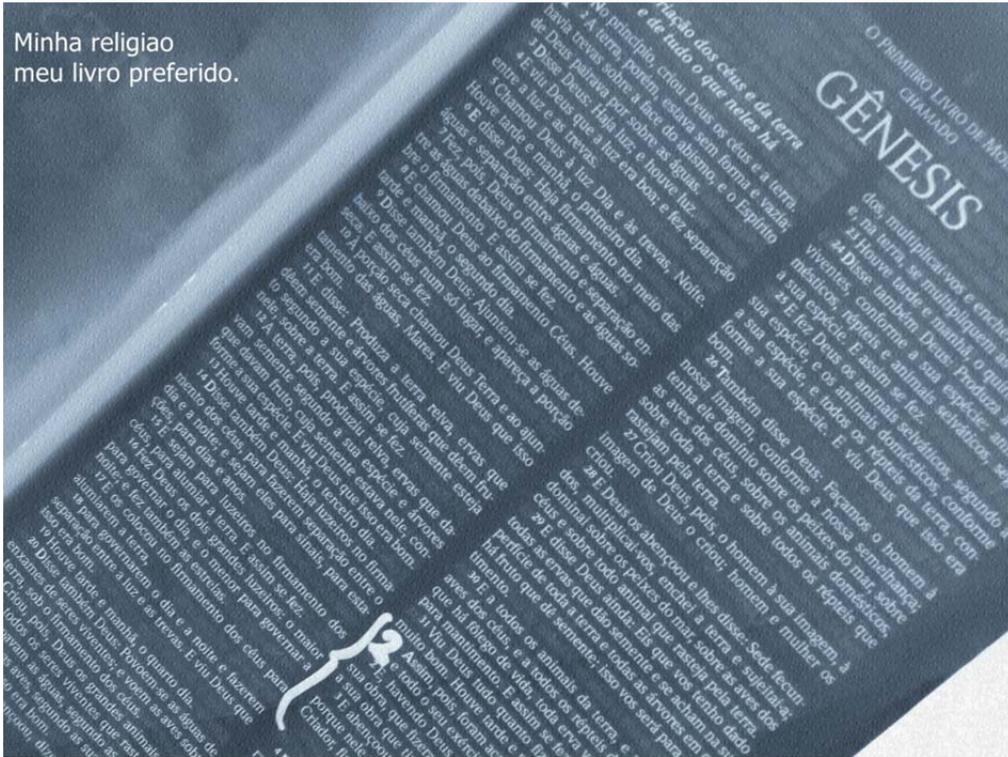


Fotografia 90



Fotografia 91

Minha religião
meu livro preferido.



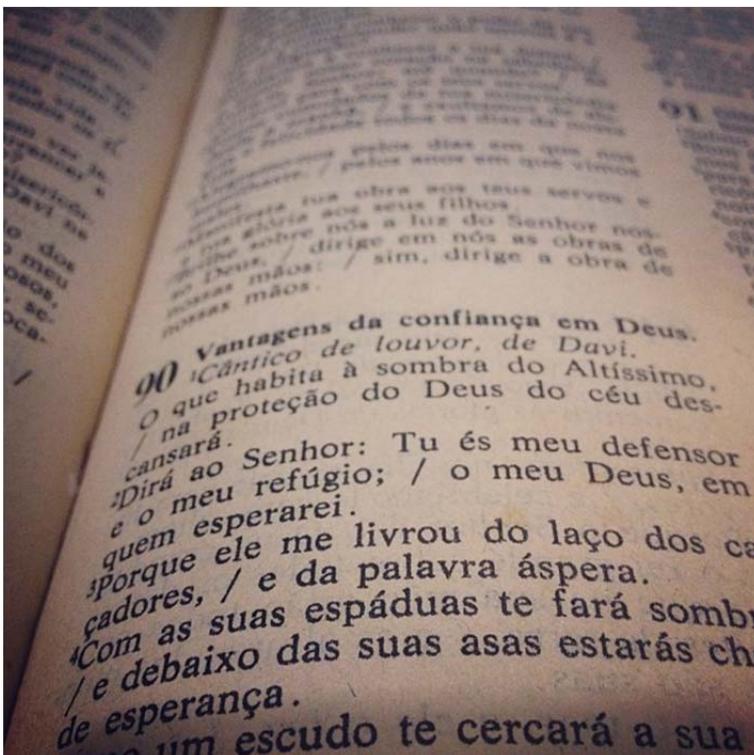
Fotografia 92 – “G.E (Grupo Evangélico), em uma residência em Londrina.”.



Fotografia 93 – “G.E (Grupo Evangelístico), em uma residência em Londrina.”.



Fotografia 94 – “Bíblia Sagrada”



Fotografia 95 – “Na Igreja”



Fotografia 96 – “Assembléia de Deus”



Fotografia 97 - "Padre"



Fotografia 98 – “A Instituição Religiosa, é uma instituição muito importante. Para alguns pode ser uma simples denominação, mas, para outros um inteiro modo de vida guiado por elevados princípios morais e espirituais.”.



Fotografia 99 – “Sede das Testemunhas de Jeová”



Fotografia 100 - "Instituições Religiosa"

